



INFORMAÇÃO DEZEMBRO | 2017

Cofinanciado por:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014 · 2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

IV CONGRESSO NACIONAL DE FRUTICULTURA E HORTICULTURA



Com cerca de 300 presenças, decorreu no passado dia 16 de Novembro, nas instalações do CNEMA, em Santarém, o IV Congresso Nacional de Fruticultura e Horticultura promovido pela CAP, integrado na primeira feira tecnológica exclusivamente dedicada ao sector, a TECFRESH'17.

Foram identificadas e abordadas três grandes áreas que, na óptica da CAP, são neste momento decisivas para o presente e futuro do sector horto-frutícola em Portugal:

- Factores decisivos na competitividade.
- Ambiente e produção de alimentos
- Inovação e mercados

Principais conclusões:

- Necessidade, cada vez mais premente, de se promover a maximização da eficiência na utilização dos recursos hídricos e da energia nos sectores produtivos. Paralelamente, importa estabelecer e adoptar rapidamente uma lógica de economia circular ao nível da gestão de resíduos, onde os materiais são devolvidos ao ciclo produtivo, através da reutilização, recuperação e reciclagem.
- A Sul do país, fruto do regadio de Alqueva, verifica-se uma crescente apetência para a adesão dos agricultores e empresas às culturas horto-frutícolas, constituindo a presença e a gestão da água factores determinantes para o seu crescimento em área e pela introdução de novas culturas e de novos modos de exploração. Torna-se, assim, fundamental a replicação de novas áreas de regadio, necessariamente mais pequenas que a existente nesta região, que promovam a manutenção e

crescimento da agricultura enquanto actividade económica, tendo em vista a auto-suficiência alimentar neste sector, para o qual o país apresenta condições edafo-climáticas favoráveis.

- Sendo as organizações de produtores a pedra basilar de todo o sector horto-frutícola na UE, elas são, efectivamente, o melhor mecanismo para assegurar a programação da produção, promover a concentração e colocação dos produtos dos seus associados no mercado, reduzir os custos de produção e regularizar os preços de venda. Com a concretização destes pressupostos, será possível criar estruturas eficientes que possam enfrentar os condicionalismos impostos pelo mercado e obter o máximo de rendimento possível para os produtores. Assume também especial importância o papel que este tipo de estruturas tem na promoção do emprego, de boas práticas agrícolas, na segurança alimentar, assim como na protecção dos recursos naturais e da biodiversidade.
- Face ao actual quadro existente no contexto agrícola, torna-se fundamental produzir mais quantidade, com cada vez melhor qualidade, baixando custos de produção e protegendo o meio ambiente. É neste quadro que a agricultura de precisão surge como uma solução tecnicamente racional, em que um melhor conhecimento do que efectivamente deve ser feito por hectare, leva a uma melhor decisão e, portanto, a uma maior eficiência e eficácia na utilização dos factores de produção. Basicamente, é necessário produzir mais com menos e, neste âmbito, será necessária a aplicação de práticas que levem a uma optimização no tempo e no espaço da gestão agrícola através da tecnologia que está disponível o que, inevitavelmente, levará a uma maior protecção dos ecossistemas de produção.
- A retirada de produtos fitofarmacêuticos do mercado europeu ao longo dos últimos anos, tem levado a que a competitividade da agricultura, sobretudo no Sul da UE, seja colocada em causa. Com efeito, a deficiente protecção das culturas e o desinvestimento da indústria fitofarmacêutica na Europa, que leva a que não sejam encontradas novas soluções para o combate químicos às pragas e doenças, terá obrigatoriamente de nos levar a criar novas estratégias para conseguirmos produzir. Assim, o investimento na investigação aplicada, a procura e integração de alternativas (substâncias de baixo risco e de base, agentes de luta biológica e biotécnica, etc), uma gestão mais sustentável dos produtos fitofarmacêuticos e o aumento da consciência global sobre os benefícios da fitossanidade ao nível da segurança alimentar e da protecção do meio ambiente, surgem como opções que têm de ser levadas em consideração desde já.
- As alterações climáticas são um facto e qualquer tentativa de as tentar ignorar levarão a situações dramáticas a médio prazo. Especialmente no que concerne à bacia mediterrânea, entre outros factores, seremos confrontados cada vez mais com uma redução do número de horas de frio, mais dias e noites quentes, ondas de calor, aumento de episódios de precipitação intensa num período curto de tempo, diminuição global da precipitação, aumento da erosão do solo, diminuição da qualidade da água e períodos de seca prolongados. Neste âmbito, o futuro da actividade agrícola num novo quadro climático dependerá do aumento da consciência dos agricultores sobre a necessidade de adaptação às alterações

climáticas e do fornecimento de melhor informação sobre os desafios em causa e das suas soluções. Aumentar a capacidade de retenção de água nos solos, promover a infiltração e evitar o escoamento das águas das chuvas, adoptar culturas mais adaptadas às novas exigências climáticas, aumentar o horizonte temporal e reduzir as incertezas dos modelos de previsão, melhorar as sinergias entre os organismos públicos ligados a estas matérias e os agricultores são, entre outras, medidas a ter em contas de ora em diante.

- A internacionalização, surge hoje em dia como um factor decisivo no crescimento do sector horto-frutícola nacional. Tendo em atenção que num contexto de exportação é sempre necessário saber «como», «para onde» e «com que apoios podemos contar», os desafios que necessitam de ser ultrapassados e que se colocam hoje em dia, quer à diplomacia económica, quer aos operadores, são sobretudo ao nível da diversificação dos mercados, no alargamento da base exportadora / crescimento das exportações, na exportação de produtos de maior valor acrescentado e de melhor qualidade e na diversificação, através do reforço da inovação e design, das marcas e da logística.
- As exportações do sector nacional horto-frutícola + sumos para o Reino Unido representaram em 2016, cerca de 94,2 milhões de euros. Ou seja, existe uma relação comercial que é imperativo salvaguardar. Face a este quadro e nesta primeira fase de negociações do Brexit, para além das interrogações que se levantam com o financiamento da PAC, é fundamental que existam condições de previsibilidade (tendo em vista evitar incertezas jurídicas), definições claras sobre as tarifas a aplicar, obter acordos objectivos sobre as regras de origem (evitar comércio triangular) e medidas SPS (controlo sanitário) e ainda, como irá ser o financiamento da investigação e desenvolvimento, fundamental para toda a indústria agro-alimentar e na qual o Reino Unido é um importante parceiro a nível europeu.
- Embora as exportações globais nacionais de produtos horto-frutícolas tenham atingido em 2016, 1.310 M€, tendo vindo sempre a subir desde 2010 e as missões a certames internacionais estarem actualmente todas debaixo do mesmo “chapéu”, sendo planeadas e conjuntas, o financiamento ao nível da promoção continua a ser francamente insuficiente, sendo fundamental um maior apoio público por parte do estado. Por último, referir a necessidade de se criarem estratégias sólidas para fazer face ao aumento das compras online de produtos frescos, já que globalmente se prevê que este tipo de aquisições atinga o número de 900 milhões, em 2020.

Estas são, entre outras, algumas das considerações que podemos fazer tendo em vista perspectivar e antecipar um futuro que, estamos certos, irá promover a consolidação deste sector como um dos mais dinâmicos da agricultura nacional.

Um sinal muito significativo e quanto a nós bastante positivo face a este mesmo futuro, que não podemos deixar de salientar, foi o enorme número de jovens que estiveram presentes neste evento.